

## INFLUÊNCIAS LITERÁRIAS, IMPASSES REAIS

*Bianca Ribeiro*

Universidade de São Paulo

Mestre em Literatura Brasileira

biancaribeiro2003@yahoo.com.br

Tratar de influências na literatura é sempre algo complexo. A crítica, muitas vezes, percebe apenas afinidades superficiais na produção dos escritores, ignorando formas de assimilação mais significativas. *Influências e impasses: Drummond e alguns contemporâneos*, livro de John Gledson, professor da Universidade de Liverpool, capta as sutilezas das relações intertextuais, reinterpretando, a partir delas, a trajetória poética do autor de “A máquina do mundo”.

O ensaísta acompanha o caminho literário do poeta mineiro, cuja coerência já foi examinada em seu livro *Poesia e poética de Carlos Drummond de Andrade* (1981). Na fase do contato inicial de Drummond com o modernismo, o crítico analisa com agudeza a influência de Mário de Andrade, apreendendo em dois níveis os ecos de *Paulicéia Desvairada* em *Alguma Poesia* (1930). Um, mais imediato, em que o itabirano toma emprestada a *persona* arlequinal do paulista e a reelabora à sua maneira. Outro mais permanente, no qual a “explosão” da *Paulicéia* revela a Drummond parte de si que nunca mais desapareceu de sua poesia: “o anarquista debaixo do poeta convencional e tímido que fora até 1924”.

O estudo das influências também revela, por contraste, as camadas profundas do pensamento de um escritor, como ocorre na comparação entre Drummond e o franco-uruguaio Jules Supervielle. Para Gledson, tal influência é íntima e secreta se comparada à incorporação que Drummond realizou da poesia de Mário, visível até no tom dos poemas. Supervielle é, como o itabirano, um *gauche*, poeta

“ímpar”, distante de modismos e apegado à experiência pessoal. Assim como o mineiro, escreveu sobre a família e o processo de autodescoberta proporcionado pela memória, associado a um sentimento cósmico, diferente do de Drummond, mais coletivo. Aqui o contraste mostra como nosso poeta é atormentado pelo ceticismo, pois sua “confiança desconfiada” nas palavras se opõe à ingenuidade de Supervielle, capaz de unir *eu* e mundo.

Num momento de crise – a passagem de *A Rosa do Povo* (1945) para *Claro Enigma* (1951), já analisada em *Drummond: da Rosa do povo à rosa das trevas*, estudo do professor Vagner Camilo (USP) – é que surge a influência de Valéry, numa relação tensa de Drummond com o ideal da “poesia pura”. “Admiração, misturada com ceticismo implícito”, sendo influência mais intelectual do que poética. O controle e a construção de Valéry seriam necessários num período de mudança em que a própria poesia foi intensamente questionada por Drummond.

Mas o eixo implícito do livro, a passagem das *influências* para os *impasses*, é o encontro de Drummond com João Cabral de Melo Neto, no qual a já comentada relação com Mário se inverte: agora é o itabirano que influencia outro poeta, num outro momento. Para o crítico inglês, João Cabral, partindo de *Brejo das Almas* (1934) de Drummond, realiza até o absurdo, em *Pedra do Sono*, a “tensão entre a presença e a ausência, a coerência e a incoerência do eu”. Gledson reinterpreta essa obra à luz dos pressupostos teóricos do poeta presentes em suas *Considerações sobre o poeta dormindo* e da influência de Drummond, em quem o *eu* poético, apesar de dividido, nunca é anulado como em Cabral. Na parte final do ensaio, observa-se ainda como a poesia de Cabral nasce de uma crise, na qual se coadunam “a consciência crescente da realidade social” e o “declínio da importância pública da poesia”.

Se no encontro com Cabral os impasses se esboçam, é no estudo de dois romances – *O amanuense Belmiro*, de Cyro dos Anjos, e *Angústia*, de Graciliano Ramos – que o ensaio mostra plenamente a relação entre influências e impasses, indo além do exame da poesia de Drummond. A aproximação dos romances com *Brejo das Almas* traz à tona um traço comum da literatura desse período, dividida entre a “liberdade” e a condição de “produto”, problema espinhoso num país em que a pobreza e o analfabetismo impõem aos escritores conscientes de seu ofício uma noção torturante dos limites da literatura, que acaba por dar forma às obras dessa época.

Gledson também toca, ao tratar desse impasse, em um problema pouco investigado: o de como a condição social da literatura influiu na produção dos anos 30 e 40, marcados por uma modernização de superfície (de que somos herdeiros) e pela transição do campo para a cidade. Nesse trânsito, a dificuldade de conciliar dois mundos diferentes passa a fazer parte da literatura. Daí a “alienação”

presente na poesia de Cabral e a existência de personagens como Macabéa de *A hora da estrela*, de Clarice Lispector. É uma literatura que nasce da crise e se desenvolve em suas premissas, em meio ao ceticismo em relação à produção literária como arma capaz de diminuir a injustiça social. Encontrar uma voz – “uma posição a partir da qual falar” – torna-se um problema inevitável.

Assim, é a “consciência, relutante ou não, de que a literatura não é representativa – uma idéia que nós, críticos literários, relutamos em aceitar” que permeia a literatura desse tempo, esclarecendo mais aspectos da poesia de Drummond e situando o poeta de forma contundente na literatura brasileira. As relações entre a crise e a literatura podem instigar “outros críticos a especular e a ver contextos mais amplos em que esses escritores funcionavam”. E aqui termina o trajeto de Gledson, abrindo questões relevantes por não ignorarem as relações entre literatura, cultura e sociedade.

Em síntese, a partir da apreensão do modo de pensar do poeta, o ensaísta partiu para o contexto maior, buscando e discutindo as causas de uma crise que nenhum dos grandes escritores do século XX pôde evitar: o lugar da literatura num mundo que sofria (e sofre) mudanças cujas conseqüências negativas sempre couberam a uma maioria, cada vez mais distante de valores culturais autênticos e humanizadores. Ao passar de uma instância à outra, do texto à história, o crítico não se deixou levar por comparações estereis. Ao abordar o contexto da época, demonstrou possuir o mesmo apego à experiência e à realidade do poeta que é tema de seu estudo, cujos *impasses* do título até hoje vivemos.

### Referências Bibliográficas

GLEDSON, John. *Influências e impasses: Drummond e alguns contemporâneos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Recebido em 28 de junho de 2008

Aprovado em 23 de agosto de 2008